

O SEMI-PROFISSIONALISMO NO FUTEBOL DE CURITIBA, O CASO DO CORITIBA FOOT BALL CLUB.

Celso L. Moletta Jr.¹
José Carlos Mosko²
Luiz Carlos Ribeiro³

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discutir alguns indícios de semi-profissionalismo, no Coritiba Foot Ball Club, nos anos de 1915 e 1916.

Após o conturbado encerramento das atividades futebolísticas do ano de 1915, criou-se duas entidades regulamentadoras do futebol: a Liga Sportiva, que teve seu primeiro campeonato vencido pelo Internacional, e a Associação Sportiva, que foi organizada pelos clubes que contestavam o título do rival. No entanto, o ano seguinte iniciava-se com os mesmos problemas administrativo-burocráticos na organização do futebol paranaense, o que necessitou, no final de 1916, a fusão entre as duas entidades, agora intermediada pelas figuras de Olavo Bilac e Santos Dumont.

Dessa forma, ficava definido que o campeão paranaense de 1916, em uma partida a ser realizada em janeiro de 1917 entre o campeão da Liga Sportiva Paranaense e a Associação Paranaense de Sports Athleticos, se uniria às entidades regulamentadoras.

O ano de 1916 para o Coritiba iniciou com um “grande” projeto para o clube: o início da construção do seu próprio estádio, visto que gastavam um alto valor com a terceirização dos espaços do Jockey Club, e os principais adversários do clube, o Internacional, do bairro do Água Verde, e o Paraná Sports, do bairro do Batel, já possuíam suas próprias praças esportivas.

Na parte esportiva, o Coritiba inicia as disputas do ano de 1916 com o intuito de tornar-se campeão estadual pela APSA, depois da unificação da Liga e da conquista do título “supremo” daquele ano. Assim, foi inscrito no campeonato os seguintes jogadores: o goleiro Eugenio Cornelsen (Kaiser); os zagueiros Carlos Glaser, Luiz Meneghetti e Ego Roskamp; os meios Carlos Ritzmann, Ricardo Thiele, Jacob Hey, Oscar Sebrão e Natálio Santos; e os atacantes José Bermudes, Kurt Friedrich, Agnello Cabral, Wenceslau Glaser e Max Koop. (Coritiba Foot Ball Club, Livro Caixa 01).

Observando a relação de jogadores inscritos para a disputa do campeonato com o livro de registro de sócios do clube, bem como com o livro caixa, causa dúvida a presença dos senhores Ricardo Thiele, Natálio Santos e José Bermudes. Ao contrário dos demais jogadores que estavam registrados no documento de sócios do clube, esses três não eram sócios.

Mas qual era o motivo para esta situação ocorrer? E quem eram esses jogadores, que inclusive eram titulares das equipes, participando da maioria dos jogos?

Profissionalismo Marrom no Brasil

¹ Mestrando - UFPR/DEHIS - Grupo de Estudos Futebol & Sociedade

² Mestre – UEPG - Grupo de Estudos Futebol & Sociedade

³ Doutor - UFPR/DEHIS - Grupo de Estudos Futebol & Sociedade

O futebol no Brasil, a partir da década de 20, começava a sofrer um processo de desgaste das práticas amadoras impostas pelas elites. A popularização do esporte por variadas camadas sociais levou a formação de clube e das ligas e suas subdivisões. Em pouco espaço de tempo, os clubes “populares” começaram a ganhar destaque equivalente aos demais, visto que a qualidade técnica de seus jogadores começou a despertar um maior interesse do público de forma geral. Além disso, as disputas entre os próprios clubes elitizados começavam a acirrar-se mais, estimulados pelos campeonatos oficializados. Ou seja, era necessária uma qualificação técnica dos clubes de elites.

Neste momento, o discurso em prol do amadorismo começava a fragilizar-se, pois os mecanismos utilizados pelos clubes na organização de suas equipes começaram a confrontar com os ideais teóricos que esses propunham.

Os clubes buscavam reforçar seus times com os jogadores de destaque, quer estes despontassem em divisões de base de clubes de elite, quer estes fossem oriundos dos clubes de subúrbio. Essa busca de reforços provocava uma inquietude nas discussões jornalísticas, quando acreditavam que esta estratégia colocava em jogo o espaço destinado ao lazer e a distinção social da elite.[...] Para os conservadores a composição das equipes com jogadores de diferentes camadas sociais era uma ameaça aos clubes, aos cidadãos de boa índole e também ao esporte. (SALLES; SOARES, 2006)

Diante desses fatores é que começa ocorrer um fenômeno no qual a historiografia denomina como *profissionalismo marrom*, que perdurou aproximadamente até o início da década de 30, quando o profissionalismo efetivo aconteceu. Assim, para os contemporâneos do período, o futebol ainda se tratava de algo amador, pois, entre outras características fundamentais, ele era proibido por meio de estatutos das primeiras associações e federações, e os jogadores não recebiam qualquer benefício que configurasse uma remuneração para jogar. Entretanto, era comum que freqüentemente se burlasse essas restrições, contando até mesmo com o aparecimento de ganhos extras, tais como as recompensas popularmente conhecidas como ‘bichos’ (TOLEDO, 2000, p.10).

O primeiro caso de incentivo remunerado ou com privilégios pessoais para prática do futebol ocorreu com o The Bangu Athletic Club, fundado por funcionários do alto escalão da Cia. Progresso Industrial do Brasil, que inicialmente estimularam a prática do esporte como forma de lazer. No entanto, a falta de funcionários graduados interessados no futebol obrigou a abertura para os demais funcionários, tendo como critério de escolha o desempenho do operário.

O privilégio de ser escolhido criaria uma nova categoria profissional de operário que, a partir de agora, chamaremos de “operário-jogador”. Eles formariam a “elite-operária do futebol” e teriam algumas regalias por isso: passariam a fazer trabalho mais leve, para que sua energia se concentrasse também no futebol. Nos dias de treinos poderiam deixar o serviço mais cedo. Quase sempre os operários-jogadores eram mais rapidamente promovidos pela diretoria da empresa. [...] Os operários-jogadores já não eram mais apenas alguns trabalhadores a mais. Pelas circunstâncias e em face da crescente popularidade do futebol, eles seriam transformados em veículos de propaganda da empresa. (CALDAS, 1994, p. 43)

A busca por “reforços” para as equipes tradicionais acontecia principalmente com a contratação de “funcionários” das empresas vinculadas aos clubes (pertencentes a algum dirigente). Assim, pessoas de um escalão social inferior, que se destacavam jogando futebol varzeano (aquele praticado fora dos clubes de forma livre), ou ainda

aqueles que jogavam em clubes de menor expressão e que não participavam em equipes da divisão principal dos campeonatos eram contratados.

A incorporação de operários, negros e demais segmentos subalternos aos grandes clubes de futebol obedecia a “ideologia do favor”, que estabelecia certa proximidade entre um poderoso e seu plantel de clientes, oferecendo falsa impressão de identidade de interesse. Dirigentes e patronos assumiam posição paternalista, favorecendo seus jogadores... (FRANCO JR., 2007, p. 73)

No Rio de Janeiro, a crise do futebol amador teve seu ápice no ano de 1923 com a vitória do Vasco da Gama, time da colônia portuguesa, que contava com um grande número de negros e semi-analfabetos, gerando grande desconforto nos clubes tidos como elite. Mario Filho, segundo Rodrigues Filho (1964, p. 68), em *O negro no futebol Brasileiro*, apresentou a insatisfação e o significado da vitória vascaína. Para esse autor, os clubes finos viveram um momento dicotômico, pois de um lado não ganhariam campeonatos com times só de braços e elites, porém por outro não abririam mão do amadorismo, e ainda viam um clube repleto de negros e pobres sendo campeão estadual. “Desaparecera a vantagem de ser de boa família [...]. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha que competir em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto, para ver quem jogava melhor”.

Assim, começam a surgir várias denúncias de atletas recebendo remuneração e benefícios, ou seja, fugindo da condição de amadores. O avanço do semi-profissionalismo deixava em dúvida o modelo elitista amador e, conseqüentemente, levou os clubes a repensarem a questão em uma defensiva para seus interesses.

A solução encontrada foi fundar uma nova entidade, a Associação Metropolitana de Esportes Amadores (AMEA), e não incluir o Vasco na comissão organizadora com a justificativa que este não possuía estádio próprio. O Vasco ainda tentaria participar do campeonato, porém teve uma série de inscrições de jogadores negadas, bem como foi deslocado para jogar com equipes não-fundadoras da nova associação. Dessa forma, o clube português acabou não aceitando as condições e voltou a participar dos campeonatos da Liga Metropolitana e iniciou a construção do estádio de São Januário.

Desse modo, no ano seguinte, convidado pela entidade, o Vasco voltaria a AMEA, pois o clube possuía um prestígio, torcida e o maior estádio do Rio de Janeiro e os dirigentes necessitavam do clube na popularização e divulgação do esporte, bem como os queriam em suas rédeas. No entanto, os elitistas, no Rio, ainda iriam ver dois grandes incidentes: a vitória do campeonato pelo modesto São Cristóvão, no ano de 1926, e a vitória do Vasco, em 1929 (PRONI, 2000, p. 110).

Assim, Caldas (1994, p. 44) conclui que o futebol, reconhecido como uma atividade esportiva para amadores até o início de 1930, era equivocado. “Do ponto de vista jurídico isto era uma farsa. Era esconder a realidade e a falta de ética profissional por trás da formalidade da lei e de suas imperfeições. Era este o quadro do futebol brasileiro até o início dos anos 30”. Assim, os limites entre o profissionalismo e o amadorismo no futebol brasileiro sempre foram obscuros e difíceis de serem delineados, visto que as práticas realizadas pelos clubes e as teorias defendidas pelos mesmos eram totalmente opostas.

Em São Paulo, os conflitos sobre o futebol elitista ocorreram de forma semelhante, onde os clubes elitizados (Paulistano, Internacional, Germânia, entre outros) racharam com a Associação Paulista de Esportes Atlético (APEA), que até

então eram responsáveis pelos campeonatos, e fundaram a Liga Amadora de Futebol (LAF). Entretanto, “a insistência em manter o futebol amador em circunstâncias inteiramente adversas, uma vez que a APEA, apesar de em tese pregar o amadorismo, na prática já deixava que os clubes e jogadores praticassem o profissionalismo” (CALDAS, 1990 p. 129).

Retornando à Curitiba

No que diz respeito a cidade de Curitiba, até o presente momento não havia indícios na pequena historiografia do futebol paranaense a respeito da prática do semi-profissionalismo ou profissionalismo marrom. A única passagem que encontramos a esse respeito é no estudo de Capraro (2002 p. 67), quando investiga o ambiente social-esportivo no início do século XX.

O autor encontra em uma de suas fontes a presença de um negro, jogador do Internacional Sport Club, porém o mesmo descarta a possibilidade de tratá-lo como pertencente ao processo de semi-profissionalismo ou profissionalismo marrom no futebol paranaense. Para Capraro,

Esta categoria viria a se consolidar apenas na década de 1930 e a historiografia remete os primeiros casos de favorecimentos à jogadores de futebol somente à meados da década de 20. Seria imprudente então, com apenas este pequeno indício, concluir que no Paraná, em 1914, ocorria prematuramente o processo de transição entre o futebol amador e o futebol profissional. A tensão entre as duas práticas ainda estava para ocorrer. Por enquanto, na década de 10, o predomínio do amadorismo era inquestionável. Soberanas, as elites (inclusive as étnicas) conduziam os esportes em clubes restritos. Como já afirmado, o futebol tinha uma dupla função interligada: o lazer e a tentativa de aprimoramento civilizatório, no caso das elites. (2002, p. 69)

De modo geral, o estudo desenvolvido afirma que em Curitiba o futebol seguia os passos e os ideais do eixo Rio-São Paulo. Assim, tanto as tendências progressistas e republicanas da industrialização e a modernização da cidade, como o futebol também copiava ou tentava seguir o modelo imposto pelos principais centros do país. Como a historiografia sobre o futebol retrata o processo de semi-profissionalismo no eixo Rio-São Paulo apenas na metade dos anos 20, o autor propõe que em Curitiba haveria um plágio desse modelo.

Partindo da situação exposta a respeito do semi-profissionalismo, a presença dos três atletas não sócios do Coritiba levanta a hipótese de que essa questão poderia já estar acontecendo no clube, visto que, já no ano de 1916, os mesmos não obedeciam à tendência momentânea de participação no quadro associativo do clube para tornar-se atleta. Para tal, torna-se necessário analisar cada um desses jogadores individualmente.

Maxambomba – José Bermudes

José Bermudes, que também era conhecido como Maxambomba⁴, conforme já relatamos não se encontra registrado na condição de sócio do Coritiba. Entretanto, notamos que a partir do mês de novembro do 1915, Maxambomba foi titular da equipe do Coritiba até o ano de 1917. A única informação oficial que possuímos a respeito de

⁴ O apelido Maxambomba é decorrente de uma jogada característica, em que dominava a bola, andava como se estivesse marchando e desferia um fortíssimo chute, uma bomba, que geralmente resultava em gol. Maxambomba era uma pequena locomotiva urbana utilizada em transporte de passageiros.

José Bermudes encontra-se nos registros de pagamentos do clube. Consta, também, a partir do mês de novembro, o pagamento de pensão no valor de 120\$000 (cento e vinte mil contos de réis) e ainda algumas ajudas de custo, que variavam e não eram fixas ou rotineiras.

Mesmo sabendo que não era comum, para o período, a presença de jogadores profissionais, ou semi-profissionais, encontrou-se registros que mostravam que Bermudes utiliza o futebol como meio de sobrevivência.

Maxa foi um verdadeiro bandeirante da Bola – suas aventuras poderiam ser Romanciadas

José Bermudês foi o “Maxabomba” ou “Maxa”, um verdadeiro bandeirante do nosso futebol, o mais “tagarela” dos “cracks” do passado. Suas aventuras poderiam ser romanceadas... Maxa tinha o futebol no “sangue”. Começou na várzea em 1914 estreava na Liga Paulistana porém logo Minas Gerais lhe atraía. Mas naquele tempo jogar na várzea era melhor – por isso Maxa preferia ser Galo nos clubes da terra vermelha. Todavia em 1915, foi para Curitiba e revolucionaria o futebol paranaense ainda em seus primeiros passos. Maxa renovou o estilo e a técnica dos campeões de Curitiba, foi um verdadeiro mestre, um “crack” padrão, nunca tinham visto um jogador com tanta perfeição! Pode calcular o ídolo que foi. [...] Maxa não demorou muito no Paraná. Voltou para São Paulo... Outra vez para a várzea, no Lyra, no Cruzeiro do Sul até que o levava para o Palmeiras com Alexy e Tuffy... (A GAZETA, 23 out. 1943)

Como descreve o periódico, a trajetória de Maxabomba no futebol não esteve apenas no Curitiba, passou também por Minas Gerais e São Paulo. A fonte ainda nos revela que no período, para os atletas, era mais vantajoso jogar na várzea paulistana, situação fácil de ser explicada, visto que os torneios oficiais eram de ordem amadora. A dúvida que permeia, porém, fica em compreender os motivos que trouxeram este jogador ao Curitiba, visto que não existem até o momento indícios para tal.

Ricardo Thiele

Os indícios que encontramos sobre Ricardo Thiele em nossas fontes também são poucos, porém muito contundentes, pois, analisando o livro de propostas de sócios e de sócios efetivados, ele, assim como José Bermudes Thiele, não fazia parte do quadro de sócios do Curitiba.

Os únicos indícios que temos de Ricardo Thiele, do mesmo modo que Bermudes, estão nos documentos do clube e no Livro Caixa. A partir do mês de novembro de 1915, aparecem na relação de pagamentos mensais de uma pensão 120\$000 (cento e vinte mil contos de réis) pagos ao jogador e mais algumas despesas, como jantares e almoços, ou ainda algo como “mais uma pensão” em alguns meses.

O pagamento de “pensões” ou “salários” nesse período do futebol brasileiro era algo incomum. Geralmente o pagamento de ajudas durante o período do profissionalismo marrom era feito empregando os jogadores em empresas dos dirigentes como funcionários “fantasmas”. Como sabemos até o momento, não eram permitido que amadores participassem dos principais campeonatos. O futebol “oficial” era voltado para o lazer, deixando para os trabalhadores o futebol da várzea (NEGREIROS, 1992).

Natálio dos Santos

Ao contrário dos dois jogadores anteriores, os quais os indícios aparecem nos “documentos oficiais” do clube, quando se trata de Natálio dos Santos, as únicas

informações que encontramos estão em duas fotografias do acervo do clube. Assim como Bermudes e Thiele, Natálio dos Santos não se encontra entre os sócios do Coritiba, porém foi titular da equipe do Coritiba nas temporadas de 1915 e 1916.



FONTE: Acervo do Coritiba Foot Ball Club

A imagem mostra Roberto Naujocks sentado em uma cadeira, com Fritz Essenfelder e Natálio dos Santos (em destaque verde) em pé, atrás dele. É possível afirmar que há mais alguém ao lado de Naujocks sentado, pois o fotógrafo “corta” um pedaço do braço dessa outra pessoa na fotografia. Todos, inclusive a pessoa que aparece parcialmente na fotografia, estão trajados a rigor, com *smoking* preto, camisa branca, gravata escura e sapatos. O fato mais importante dessa fotografia é o jogador Natálio dos Santos, em destaque, um atleta de características mestiças (cor da pele e cabelo). Se até o momento o Coritiba poderia ser tratado como um clube elitista, a presença de um “negro” entre seus jogadores quebraria esse paradigma, ou acentuava ainda mais a presença do chamado *profissionalismo marrom* no clube.



FONTE: Acervo do Coritiba Foot Ball Club

A fotografia mostra os jogadores do Coritiba e do América perfilados em três fileiras, tendo como pano de fundo da fotografia uma construção. Do Coritiba, vestidos de branco, tem-se, em pé: Adolfo Naujoks, Handschick e Carlos Glaser; ajoelhados: Agnelo, Ricardo Thiele e Natálio dos Santos; sentados: Max, Ritzmann, José Bermudes, Kurt Frederich e César. À frente da fileira de jogadores sentados ao chão, centralizada, está a bola do jogo.

Possivelmente a fotografia foi realizada após a partida entre as duas equipes, visto que alguns atletas estão com as roupas sujas e também com as camisas por fora das calças, o que não era de bom gosto para o momento. O time do Coritiba estava trajado com camisas brancas, gravatas escuras (não sendo possível afirmar a cor), calças e meias pretas; já os jogadores do América estavam com camisas escuras (não sendo possível afirmar a cor) com um distintivo com as iniciais A.F.C bordado do lado esquerdo da camisa, na altura do peito. As calças eram brancas e as meias escuras. A importância dessa foto está na comprovação de que o jogador Natálio dos Santos era realmente parte integrante do time do Coritiba, visto que o mesmo está trajado com roupas para jogo.

Considerações

Afirmar com contundência que, no Coritiba Foot Ball Club, o semi-profissionalismo ocorreu e que José Bermudes, Ricardo Thiele e Natálio dos Santos foram jogadores que se enquadravam nesse processo, seria algo arriscado para um trabalho ainda em processo de construção. Entretanto, também não se pode negar que as evidências que tal situação ocorreu são extremamente fortes. Como nos mostra a historiografia do futebol, o profissionalismo-marrom ocorreu em outros locais no início dos anos 20. Assim, fica o questionamento do porquê, na cidade de Curitiba, onde o futebol se desenvolveu posteriormente, esses indícios surgem em um momento anterior.

Referências

Acervo de Fotos do Coritiba Foot Ball Club

ANJOS, J. L. dos. Futebol no Sul: historia da organização e resistência étnica. In: **Revista Pensar e Prática**. UFRGS, v.10, n. 1, p. 33-50, 2007.

BACELLAR, C. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKI, C. B. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

CAPRARO, A. M. **Football, uma prática eletista e civilizadora** – investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX. Dissertação. Mestrado em História. UFPR, 2000.

DAMO, A. **“Ah! Eu sou gaúcho!...” Parece mais um gritinho histórico, mas é isso mesmo.** Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/260.pdf>>

ELIAS, N; DUNNIG, E. **A Busca da Excitação.** Lisboa: DIFEL, 1992.

GESTALDO, E.; GUEDES, S. L. (Orgs.). **Nações em Campo.** Futebol e Identidade Nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

JESUS, G. M de. Construindo a Cidade Moderna: a Introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro. **Revista Estudos Históricos.** n. 23, p. 19-29, 1999.

JESUS, G. M de. Imigrantes Desportistas: os Alemães no Sul do Brasil. In: **Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales.** Universidade de Barcelona, n. 94, 1 ago. 2001.

NEGREIROS, P. J. L. **Resistência e rendição** – a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo, 1910-1916. Dissertação. Mestrado em História, PUC-SP, 1992.

PEREIRA, L. A. **Footballmania.** Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

REIS, H. H. B. **Futebol e Sociedade.** Brasília: Líber Livros, 2006.

REVISTA USP. **Futebol.** São Paulo: Editoria da Universidade de São Paulo, jun./ago. 1994.

SELLES, J. G. do C.; SOARES, A. J. G. O amadorismo em crise – A vitória do clube de regatas Vasco da Gama no campeonato estadual de 1923. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER E DANÇA, 10. **Anais...** Curitiba, 2006.